

Para embaixador, reforma no BIRD foi um esforço que teve resultado nulo

por Paulo Sotero
de Washington

A recém-concluída reforma do Banco Mundial (BIRD) foi um esforço de resultado nulo, (...) uma troca de sofás na sala que teve um impacto moral extremamente negativo no interior da organização e a deixou sem liderança intelectual na discussão dos problemas do desenvolvimento.

A opinião é do embaixador José Botafogo Gonçalves, de 52 anos, diplomata de carreira e a mais notória vítima da reorganização do BIRD.

Falando ontem a este jornal em seu último dia de trabalho no Banco Mundial, ao qual se juntou no início de 1985, no então importante posto de vice-presidente para Relações Externas, Botafogo previu ontem, em Washington, que a desejada aceleração do processo de negociação de empréstimos, um dos propalados objetivos da reforma interna da instituição, não acontecerá, "pois o que provoca a lentidão não é a burocracia do banco mas a introdução de condicionalidades macroeconômicas nos critérios de concessão dos empréstimos".

Sem esconder seu desapontamento pela forma como as autoridades econômicas procederam no episódio de sua saída do banco, que foi praticamente forçada pelo presidente da organização, o norte-americano Barber Conable, Botafogo disse que atribui "a atitude tímida do governo" à falta de compreensão sobre a importância política de ter uma presença forte e controlar posições no Banco Mundial.

"O Brasil deveria ter uma política para ampliar sua presença na estrutura do banco", aconselhou o diplomata. "Aqui se joga um jogo de poder de grande importância e o Brasil tem condições, hoje, de participar desse jogo, estimulando a presença brasileira, seja nos postos de administração, seja no corpo técnico da instituição, como faz a maioria dos países."

Botafogo, que como ex-colaborador de Antônio Delfim Netto nos ministérios da Fazenda e do Planejamento, foi o responsável, durante anos, pelas relações do Brasil com o BIRD, não acredita num aumento substancial do programa de empréstimos da instituição para o Brasil, que, na realidade, encolheu no ano passado. "Se dependesse da gerência do banco, o Brasil teria condições de acelerar seu programa de empréstimos", afirmou. Mas previu que isso não acontecerá porque o corpo técnico e a administração do banco sabem que essa não seria uma iniciativa bem recebida pela diretoria executiva do BIRD, que é controlada pelos países industrializados credores do Brasil.

"Apesar da reforma, o banco, em si, não mudou. Mas mudou a relação de poder entre a administração do banco e sua diretoria", disse Botafogo. O resultado dessa mudança, segundo ele, foi tornar a instituição menos internacional e independente do que já foi no passado, transformando-a numa "caixa de ressonância das posições conservadoras dos países industrializados".

O embaixador, que ao longo de seus 29 anos de carreira já serviu em Moscou, Roma, Bonn, Santiago e Paris, regressa dentro de dois meses a Brasília para assumir um dos dois cargos que lhe foram oferecidos pelo ministro das Relações Exteriores, Roberto de Abreu Sodré: a chefia da representação brasileira junto à Associação Latino Americana de Desenvolvimento e Integração (ALADI), em Montevideu, ou a Embaixada em Caracas.

"Depois de quinze anos sem passar por mudanças, toda organização precisa de uma escovada", disse o diplomata, para indicar que a idéia da reorganização era válida. Ele criticou, contudo, "a motivação espúria e injusta" com que os governos das nações ricas encararam a reforma, bem como Conable, "um homem ignorante da realidade internacional e do próprio banco".

Para o embaixador, os governos das nações industrializadas, a começar pelo dos Estados Unidos, trataram a reorganização de forma demagógica, e "usaram o banco como exemplo para efeitos internos". Nesse particular, Botafogo lembra a insistência com que os países ricos levantaram a questão dos "altos salários" dos mais de 6 mil funcionários da organização, estabelecendo paralelos entre esses salários e os de funcionários de seus organismos nacionais que exercem funções semelhantes às do BIRD. "Com



José Botafogo

Gonçalves

isso eles atacaram o caráter multidisciplinar e multicultural que o banco deve necessariamente ter para desempenhar sua função. É até natural que seus funcionários ganhem mais do que os funcionários de governos nacionais, pois na média têm de ter um nível de qualificação maior", afirmou ele.

Significativamente, encerrada a reforma, os salários dos funcionários do BIRD e dos servidores dos países que são seus principais acionistas continuam os mesmos de antes. Para Botafogo, os salários do BIRD estão, na realidade, mais baixos do que deveriam estar.

O embaixador critica também a forma como a reforma foi implementada. O maior erro de Conable, diz ele, "foi iniciar uma reforma maciça, traumática e generalizada sem saber onde queria chegar". Primeiro, ele contratou uma empresa de consultoria "que não tinha familiaridade com a natureza e o funcionamento de um organismo internacional e tratou a reorganização do banco como se a instituição fosse uma corporação", afirmou. Seu segundo erro, sempre de acordo com o diplomata brasileiro, foi entregar o trabalho de execução da reforma "a uma equipe de jovens turcos que quis dar uma sacudida na estrutura do poder do banco com o objetivo principal de desalojar o vice-presidente sênior de operações norte-americano Ernest Stern, uma pessoa controversa, mas brilhante, que ao longo dos anos acumulara um enorme poder e estava, por isso, frustrando a capacidade criadora de outras pessoas no banco".

"O próprio Conable deixou claro, nas entrelinhas, que sem a remoção de Stern ele não conseguiria espaço para afirmar sua liderança", contou Botafogo. Stern acabaria trocando de posição com o vice-presidente sênior para finanças, o paquistanês Moeen Qureshi.

O terceiro erro do presidente do BIRD foi o de, num determinado momento de implementação da reforma, decretar uma suspensão geral de todas as posições. "Aí a coisa desandou. Todo mundo que tinha contas pessoais a acertar, etapas a ganhar e vantagens a obter sobre seus colegas aproveitou a oportunidade. Amigos viraram inimigos e desapareceu o clima de confiança entre as pessoas. Isso teve um impacto moral extremamente negativo no banco, que ainda persiste e vai demorar muito tempo para ser superado."

Quanto ao episódio de sua saída do banco, Botafogo o atribui a uma combinação de dois elementos. Um, ele admite, foi "minha falha em não entender a cultura do banco, que é uma organização extremamente centralizadora e compartimentalizada, sem espírito de corpo e onde cada um trabalha em sua torre de marfim". Esse erro levou-o a cuidar primordialmente do desenvolvimento das relações diplomáticas do banco, função que fora convidado a exercer pelo antecessor de Conable, o atual presidente do Bank of America, A. W. Clausen, deixando em segundo plano o aspecto de relações públicas e de comunicação social.

Quando, já com a reorganização em curso, Botafogo apresentou seu plano de reforma do setor de imprensa, ele acreditou que entrou em terreno minado, pois a esta altura, Conable, já sob o olhar cético dos grandes jornais norte-americanos e europeus, "estava extremamente preocupado com sua imagem pessoal".